

## **ATUAÇÃO CINEMATOGRAFICA: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO/A ATOR/ATRIZ NO CINEMA ALAGOANO**

Ticiane Simões dos Santos<sup>1</sup>, Ana Flávia de Andrade Ferraz<sup>2</sup> (Orientadora)

1. Estudante do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
2. Doutora em Imagem e Som do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UnB, professora Adjunta II da Universidade Federal de Alagoas/Ufal//ICHCA e coordenadora do NEPED/UFAL/CNPq – Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas

### **Resumo**

O presente projeto de iniciação científica surge de inquietações levantadas por alunos/alunas do curso de Teatro da Universidade Federal de Alagoas. Nesta pesquisa nos propomos a desenvolver uma reflexão acerca do papel do/a ator/atriz nas produções audiovisuais do estado. O tema é abrangente, nos leva a várias perspectivas de análise e aborda assuntos caros tanto ao teatro quanto ao cinema. Várias são as possibilidades de aproximação à temática, como por exemplo: as escolas de interpretação de atores/atrizes que observaram seus métodos migrarem do teatro ao cinema.

O que se percebe é uma escassa reflexão sobre o papel do ator na produção cinematográfica. Não obstante, a categoria tem sido palco de várias tensões e é, a partir desses questionamentos, que desejamos aprofundar a presente pesquisa.

Sendo a Universidade Federal de Alagoas o único espaço de educação formal do estado que atua no desenvolvimento e formação do/a ator/atriz, acreditamos que a pesquisa também subsidiará os cursos no intuito de gerar reflexões sobre os espaços que nossos/as atores e atrizes vêm ocupando na crescente cena audiovisual alagoana.

**Palavras chave:** Atuação cinematográfica; Cinema alagoano; Direção de atores.

**Apoio financeiro:** Universidade Federal de Alagoas e FAPEAL- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas.

### **Introdução**

A realização de um filme convoca diferentes atores. Ainda que diretores/as pareçam, hierarquicamente, dominarem os sets de filmagens, o cinema é uma arte coletiva e colaborativa. Conta, dessa forma com a coparticipação de profissionais diversos que, juntos, constroem uma arte complexa. Direção, direção de fotografia, direção de atores, direção de arte, direção de produção, montagem, trabalham tendo como norte a construção de uma única obra.

Porém, apesar da importância de cada elemento no processo total, o papel do ator/atriz por vezes ocupa menos destaque no sentido das técnicas aplicadas, como diz Walmeri Ribeiro ao falar “ao contrário das intervenções autorais evidentes ligadas ao estilo cinematográfico (...) o trabalho com o ator é um atributo do mundo encenado, que não parece construído” (RIBEIRO, 2014, p.9) sendo assim, pouco entendido como trabalho. A autora ainda clareia mais a discussão quando continua: “no máximo elogia-se o ‘naturalismo’ da representação, como se fosse um dado do real que o filme capta sem mediação” ou seja, como se não houvesse esforço de quem atua, não houvesse técnica sendo aplicada.

Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o papel que ocupa o ator/atriz na produção cinematográfica alagoana. Para tal, traçamos como objetivos específicos: discutir sobre as tensões entre interpretação e autorrepresentação no cinema alagoano; mapear a participação e as premiações de atores/atrizes alagoanos/as na produção audiovisual local; refletir sobre a participação de atores/atrizes “estreadores”, “não profissionais” e o impacto dessas no papel do/a intérprete alagoano/a; tomando por base a produção audiovisual alagoana; resgatar a história das premiações e mudança de nomenclaturas usadas na Mostra Sururu<sup>1</sup> para o quesito interpretação; possibilitar/facilitar a consulta da comunidade acadêmica sobre a temática abordada nesta pesquisa.

---

<sup>1</sup> Criada em 2009, a Mostra Sururu de Cinema Alagoano vem desempenhando um papel cada vez mais relevante para o Estado. Principal janela para os curtas-metragens locais, no decorrer dos anos o evento contribuiu de maneira significativa para o crescimento do setor, estimulando, entre outras ações, o surgimento de novas produções, a consolidação do trabalho de profissionais iniciantes, o diálogo entre integrantes da cadeia produtiva do audiovisual e a construção de um panorama do cinema alagoano contemporâneo. Mais informações podem ser acessadas em: <https://mostrasururu.com.br/sobre/>

## Metodologia

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre o papel do/a ator/atriz no cinema alagoano, buscando aprofundar a discussão sobre as tensões que envolvem a atuação e a autorrepresentação. Procura também analisar as escolhas e premiações feitas por ocasião das 10 edições da Mostra Sururu de Cinema Alagoano a fim de refletir sobre as questões levantadas. Dessa forma, ela é, por natureza, uma pesquisa analítico-descritiva e se desenvolverá a partir de reuniões semanais onde serão desenvolvidas as seguintes atividades:

- Pesquisa bibliográfica;
- Refletir sobre as diferentes escolas de atuação e suas implicações nas duas artes- teatro e cinema;
- Entrevista com atrizes, atores, diretores/as de elenco; diretores/as;
- Entrevista com curadores/as e jurados/as das edições da Mostra Sururu de Cinema Alagoano;

Ainda como metodologia, adicionamos ao projeto a possibilidade de ampliação do espaço de debate, rompendo os espaços acadêmicos e levantando as discussões e debatendo os resultados dela dentro dos espaços artísticos onde circulam os objetos interlocutores dessa pesquisa. A aplicação da metodologia ampliada deu-se da forma descrita abaixo:

**Reuniões de orientação:** As orientações se deram de forma a amparar teoricamente a construção base (estrutura) do trabalho. Analisar, documentar e propor ações que facilitassem o alcance aos objetivos propostos no plano de trabalho. Sempre na modalidade remota, com acolhimento e debate de ideias que visavam o melhor caminho de se fazer a pesquisa.

**Leitura de referências para a pesquisa bibliográfica:** As leituras se iniciaram ainda no começo da construção do projeto e foram sendo direcionadas de forma mais afinada após as primeiras reuniões de orientação.

**Levantamento geral de premiação da categoria “atuação/ator/atriz” dentro das 10 edições da Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2009-2019):** Esse levantamento foi realizado ainda durante a escrita do projeto de iniciação científica e pôde ser reformulado e ampliado após início e entendimento dos rumos da pesquisa. Foi refeito, incluindo nele dados que ainda não haviam sido coletados, tais como, as justificativas e nomes dos jurados de cada ano.

**Construção e aplicação de questionário:** O questionário aplicado foi construído sob orientação da professora orientadora, em observância à relação entre perguntas e objetivos do trabalho. Foi realizado de forma a atender as necessidades de construção de diálogos entre as referências teóricas analisadas nas leituras base desta pesquisa e o relato de quem vivencia o contato com a cinematografia local, principalmente, ligada aos trabalhadores da cena.

## Resultados e Discussão

O grande fruto da pesquisa foi trazer à tona o debate mais teorizado das questões que permeiam os estudos sobre os lugares de atuação dentro do Cinema Alagoano. Construir caminhos científicos dentro do fazer artístico foi mostrando-se possível ao longo do percurso do projeto. As primeiras reverberações dessa pesquisa deram-se ainda no início. Assim que se tornou pública a informação da existência de uma reflexão sobre as existências dos estudos que têm como objeto de pesquisa a atuação e suas migrações possíveis entre teatro e cinema, comecei a receber convites para estar em espaços debatendo o tema. É tudo ainda tão recente, que pesquisas como essa nascem já precisando estar sendo compartilhada e, sendo assim, afeta-se com esses encontros que foram sendo propostos e constitui-se ciência de forma a construir documento acadêmico que acolha e discuta essa oralidade dos debates, com os ganhos de base teórica alcançados com as leituras e estudos orientados.

Cito em tópicos os principais e, até o momento, mensuráveis resultados dessa pesquisa:

- Participação na série “Lugares de Atuação”, realizada por via de entrevistas escritas e ainda por lives debatendo o tema publicadas pelo site Alagoar<sup>2</sup>. Temática levantada a partir da divulgação do objeto de estudo dessa pesquisa e aderida pelo grupo gestor do Site e recebido de forma acolhedora por artistas/atores/preparadores de elenco do Estado, e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnxlpz7gKTO>

---

<sup>2</sup> Grupo de iniciativa independente voltada à preservação da memória, à difusão e à formação audiovisual, com foco no audiovisual alagoano.

- Debate dentro do PodCast Fuxico de Cinema<sup>3</sup>, com o tema “Atuação”, onde foi debatido o conteúdo da pesquisa e publicado em plataformas de áudio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pffmgHfmbJE>
- A criação de uma proposta de premiação em reconhecimento da profissão dentro da Mostra Sururu de Cinema Alagoano, a partir da edição 2021, com realização em parceria entre a Universidade, por via do NEPED-UFAL e a produção oficial da Mostra.
- Roteiro de curta metragem intitulado “O Meu Lugar no Cinema Alagoano”, financiado com recursos da Lei Aldir Blanc no estado de Alagoas, através do prêmio concedido pelo edital de chamamento público Elinaldo Barros / 2020 e que tem como meta a publicação do roteiro no site oficial da Secretaria de Cultura do Estado.
- Artigo acadêmico - em processo de escrita-, chamado “O Lugar do/a Ator/Atriz no Cinema Alagoano”.

A função da direção de atores/atrizes e suas diferentes abordagens, distanciamentos e aproximações entre o teatro e o cinema; o papel que ocupa o/a ator e atriz alagoanos na produção cinematográfica local, entre outras, mostram-se como caminhos possíveis. A primeira questão diz respeito à existência ou não da diferença entre o/a ator/atriz de teatro e de cinema. Morin nos dá pistas sobre o assunto em contrapartida, "enquanto o ator teatral, geralmente, representa um tom acima, o ator de cinema, geralmente, representa um tom abaixo" (R. Manwell, Film, 1946, p. 78); em outras palavras, precisa-se reduzir ao invés de multiplicar.

Essa diferença é ainda mais visível nos primórdios da sétima arte onde o/a ator/atriz se inspirava na teatralidade e levava para tela uma espécie de excesso de expressões, através das mímicas, gestos, à frente de uma câmera, que, na maioria das vezes, permanecia estática. Com o incremento tecnológico, essas características foram perdendo espaço para o uso dos planos e da montagem. Uma imagem em plano fechado, por exemplo, tornaria desnecessária a mímica. Um gesto, por mais discreto que fosse, passava então a ser captado por uma câmera. O “excesso” tornava-se desnecessário. Agora quem “exagera” não é mais o ator e sim o plano, a câmera, a montagem. Dessa forma, como afirma Morin, “em outras palavras, a arte ostentatória do ator é substituída pela arte ostentatória da câmera e da montagem” (1989, pág. 81). Morin chega até a afirmar que o cinema não apenas promove a “desteatralização” da representação, mas também atrofia a mesma representação. Porém, será que esses conceitos ainda estão atuais? Será que essas características ainda estão presentes? Seria essa perspectiva o que impediria a contratação de atores “experientes” e implicaria na preferência por atores estreados? Em que grau essa perspectiva ainda pode ser encontrada na atuação em cinema? E, especificamente, no cinema alagoano? Uma outra questão diz respeito ao tensionamento entre atuação em filmes de ficção e filmes documentários. O que dizer da construção das personagens em filmes documentários?

Se partirmos do ponto de vista que se nega a ancorar a discussão entre verdadeiro (documentário) e falso (ficção), real e ficcional, entre mundo vivido e imaginado podemos admitir a importância da perspectiva da autorrepresentação, desenvolvida por Ramos (2013, p. 11), “entendida aqui como todo e qualquer desempenho do sujeito filmado diante da câmera”, que pode se dar através da representação de cenas de seu cotidiano, ou em uma entrevista, ou de uma encenação ou, ainda, por meio de uma reencenação. Para a autora, a noção de autorrepresentação encontra-se na fronteira entre a pessoa real e a persona fílmica construída, em que não importaria se o sujeito estivesse ou não consciente da presença da câmera, agindo para a câmera ou apesar da câmera. Importaria, assim, o seu desempenho ante o dispositivo (RAMOS, 2013, p. 13). Soma a sua perspectiva ao que Santeiro (1987) aborda como “dramaturgia natural”, em que defende a atuação como algo inerente às pessoas retratadas em um documentário, com artifícios que o sujeito lança mão para representar seu próprio papel. Para o cineasta, no momento em que está sendo filmado, invariavelmente, o sujeito, em um processo de autorrepresentação, interpreta a personagem que criou para si, transformando-se em um “ator natural”:

A maneira de o entrevistado dizer o seu texto, a reação às perguntas, pequenas entonações de voz, a postura ou expressão facial críticas do entrevistado ou de outra pessoa que esteja a seu lado, a relação do local em que a entrevista é feita com as interferências que possam ocorrer, o contra ponto de entrevistador e entrevistado, tudo são elementos dotados de significação que compõem um quadro de comportamento cênico e que podemos chamar de dramaturgia natural. (SANTEIRO, 1987, p. 81)

Por sua vez, Bill Nichols (2005, p. 48), em seu artigo A voz do documentário, discorre, em uma perspectiva histórica, sobre as mudanças da enunciação nos filmes documentários. Passa pela narração ao estilo “voz-de-Deus”, em que um narrador fora de campo acompanha a cena; pelo “cinema direto”, através da captura direta de imagem e som da vida cotidiana dos sujeitos retratados nos filmes, até o documentário de entrevistas, em que os narradores e personagens falam diretamente ao público, conclui que, independentemente dos tipos de enunciação, “o documentário sempre foi uma forma de re-presentação, e nunca uma janela aberta para a realidade” (NICHOLS, 2005, p. 49). Dessa forma, o cineasta não é um ser neutro ou tampouco o conhecedor da verdadeira realidade das coisas. Ele é, antes, um “fabricante de significados”, “um produtor de discurso

<sup>3</sup> Podcast realizado pelo Alagoar e pela Rotina Filmes, é um programa que tem como objetivo criar memórias a partir de conversas, partilhas, fuxicos e fofocas sobre a cena audiovisual brasileira, do Nordeste e especialmente alagoana.

cinematográfico”. Sendo assim, poderíamos supor que também seja um “construtor” de personagens?

### Conclusões

Ao longo da pesquisa, ficou ainda mais clara a necessidade do levante de discussões e olhares para esse lugar – atuação – dentro do cinema e não só em Alagoas. A profissão do ator, por vezes vendida com o glamour de ser ídolos e por outras como desocupados, ainda carece muito de estudos e pesquisas sobre os dogmas que carrega nessas duas polaridades e ainda mais no cotidiano existente no que podemos chamar de meio termo. Jacqueline Nacache, em seu livro *O Ator de Cinema*, que foi uma das peças teóricas fundamentais dentro dessa pesquisa, por conseguir ampliar e debater esses não lugares e/ou lugares pejorativos fazendo uma relação com a construção histórica da profissão, diz em uma passagem: “o ator é, historicamente, uma tensão, um rasgão, uma espécie de mostro, e por muito tempo esse estatuto continuará a ser teoricamente seu” (NACACHE, 2012, p.17), e assim o é. São eles/elas atores/atrizes um produto monstro pensante que incomoda ao trincar essas certezas coletivas que estabelecem rótulos aos artistas de ofício. Não serei aqui generalista, na verdade é justamente contra esse generalismo que esse trabalho e as vontades que me movem a ele se situam, e, sendo assim, admito que, por vezes, encontramos companheiros de cena que cabem nesses rótulos e acabam dando visibilidade às caricaturas atribuídas a esses (nós) trabalhadores.

À exemplo do quanto somos excluídos da cena audiovisual, podemos ainda problematizar ao observar a leva de apoios que se ergueram ao longo da pandemia. Empresas como a Netflix, a Amazon e outras, realizaram editais em amparo ao segmento, porém, ainda que presentes em grande parte das produções, os atores e atrizes e também os preparadores e diretores de elenco, ficaram de fora da lista de possíveis beneficiados para acessar os recursos emergenciais oferecidos. Como apontamento de uma assinatura determinante de um não lugar dentro do segmento que tem reverberações historicamente carregadas pela profissão, que me fez lembrar de uma leitura antiga que fiz, ainda em um curso de iniciação a interpretação para cena, onde o autor dizia assim: “ainda recentemente, neste século, os atores eram banidos de certos restaurantes e pensões. Não era raro encontrar letreiros em que se liam: “Não permitimos a entrada de pessoas de teatro!” (OLSEN, 2004, p.15). As palavras de Mark Olsen, em *As Máscaras Mutáveis do Buda Dourado*, dão pistas dos resquícios do que estamos analisando aqui. Ao referir-se ao fazer teatral, ou ainda, à encenação teatralizada, referimo-nos de forma a unificar um formato de teatro que já não reflete nem abarca o que seja atuação teatralizada, tornando os artistas de formação para as cênicas pouco naturais. Sobre essa espera de atuação e numa comparação generalista, Nachache nos diz “...o bom ator de cinema é aquele que sabe fazer-se compreender sem falar, e o seu gesto, mesmo propositadamente exagerado [...] tem sempre a maior justeza. O que explica que mesmo um excelente ator de teatro pode não valer absolutamente nada numa cena cinematográfica” (NACACHE, 2012, p.16).

Quando nos baseamos num olhar que se cristaliza historicamente em duas formas de atuar, que distingue e classifica dicotomicamente entre teatral e cinematográfica, e determina que a teatral é a do Teatro e a cinematográfica é a do Cinema, deixamos de contemplar e analisar os detalhes que permitem obras de um Teatro Moderno ou de um Cinema Novo borrarem essas linhas de separação.

A própria atuação teatral mudou de tamanho nos últimos anos, hoje, podemos presenciar um fazer teatral que busca o íntimo, por vezes tão mínimo – em espaços e escolas de interpretação – que chega a romper esse muro que coloca atores profissionais de escolas dramáticas tradicionais de um lado e personas fílmicas ou atores estreantes do outro. Ainda sobre esses processos de descobrimento de novas formas de representação e de estar em cena, Ribeiro me ajuda a finalizar esse pensamento quando nos diz “No cinema contemporâneo, a busca pela atuação propõe um processo criativo que exija mais presença do que representação, nos levando à reflexão sobre a estética da espontaneidade.” (RIBEIRO, 2014, p.31), complementarmente dizendo que esse processo de construção colaborativa tem suas origens dentro das teorias pesquisadas dentro das escolas de teatro há décadas, e que hoje, podem ser vistas e difundidas em diversos formatos de realização artística.

### Referências bibliográficas

MORIN, Edgard. *As Estrelas Mito e Sedução no Cinema*. Rio de Janeiro: José Olympia, 1989

NACACHE, Jacqueline. *O ator no cinema*. Lisboa: Texto e Grafia, 2012.

NICHOLS, Bill. *A voz do documentário*. Em: RAMOS, Fernão Pessoa. *Teoria Contemporânea do Cinema*, volume II. São Paulo: Editora Senac, 2005.

OLSEN, Mark. *As máscaras mutáveis do Buda dourado*. Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RAMOS, Clara Leonel. *A construção do personagem no documentário brasileiro: autorrepresentação, performance e estratégias narrativas*. 264 págs. Tese de Doutorado- Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo – 2013.

RIBEIRO, W. *Poéticas do Ator no Cinema brasileiro*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.